JOSÉ DE ALENCAR

A grandiosa idéa de erigir-se uma estatua ao sublime do auctor do «Guarany», germinada nas cellulas do possante cerebro de Ferreira de Araujo e acolhida com enthusiasmo pela tatalidade dos brazileiros, vae ter hoje seu *desideratum*; O Brazil vae saldar, no meio de geraes applausos, a divida de gratidão contrahida com um de seus maiores filhos.

Erecta no saudavel e aristocratico largo do Catete em frente do sumptuoso palacio dos condes de Nova Friburgo, ora transformado em residencia dos Presidentes da Republica, deve hoje brilhar, pela primeira vez, ao corruscante sol, que illumina a cidade fluminense, o bronze, em cuja indestructibilidade foi perpetuada a effigie deste grande vulto da litteratura nacional.

Ao Ceará, terra de seu berço e tantas vezes enaltecida em seus immortaes poemas, competia a incumbencia de tornar indelevel, na memoria de nossos posteros, o nome, mil vezes glorioso, do mais illustre dos cearenses. Mas o Ceará não tem o direito de querer só para si aquillo que pertence á hegemonia: José de Alencar é uma gloria nacional: pertence ao Brazil inteiro.

As grandes notabilidades não têm patria: são cosmopolitas: pertencem á humanidade.

Associando-nos de todo o coração á essa homenagem posthuma, rendida ao extraordinario José de Alencar

que as qualidades de eminente estadista alliava ás de primeiro romancista, critico, dramaturgo e jornalista brazileiro, enviamos ao heroico povo fluminense os mais vivos protestos de nossa sincera adhesão.

Conforme a convocação que publicamos, reuniu-se hontem nos salões da «Phenix Caixeiral», ás 7 1/2 horas da noite, grande massa de povo, afim de se deliberar o meio de transmittir á capital federal a gratidão de todo o Ceará pelo tributo rendido por ella ao immortal romancista brazileiro, erguendo-lhe uma estatua.

Depois de diversas opiniões emittidas, ficou a commissão convocadora da reunião, os srs. dr. Guilherme Studart, Rodrigues de Carvalho e Antonio Valente, encarregada de confeccionar e transmittir os telegrammas que julgasse necessarios.

Forão os seguintes os telegrammas passados :

Gazeta de Noticias, Paiz e Jornal do Commercio

O Ceará envia ardentes e fraternaes saudações á Capital Federal, e cheio de gratidão pela estatua de José de Alencar offerece-lhe como preito de reconhecimento seu coração em puro e sincero holocausto.

—

Esculptor Bernardelli.— RIO

Ceará agradecido apresenta homenagens admiração trabalho artistico estatua Alencar. O cinzel estatuario digno penna escriptor. Ambos pela arte conquistaram futuro. São hoje irmãos na gloria immortal.

—

Exma. Sra. D. Georgiana Alencar — RIO

Ceará, vencendo distancia pelo coração, congratula-se V. Ex.ª e contempla de longe estatua Alencar, que antes ser erguida Praça Ferreira Vianna já o era no dominio sempiterno da historia.

Araripe Junior, *Moura Brazil* e *João Capistrano*.—RIO

Em grande meeting população fostes escolhidos representar Ceará na ceremonia estatua Alencar.

—

Todos estes telegrammas forão assignados pela commissão: Dr. Guilherme Studart, Rodrigues de Garvalho e Antonio N. Valente.

—

Sabemos terem sido transmittidos mais os seguintes telegrammas:

DO «INSTITUTO DO CEARÁ»

SENADOR CATUNDA

Instituto do Ceará pede o representeis com Conselheiros Alencar Araripe e Alvaro de Oliveira na ceremonia estatua J. Alencar.

Dr. Paulino Nogueira.
« Guilherme Studart.

—

DA «ACADEMIA CEARENSE»

Academicos Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Visconde Taunay

Academia Cearense pede a representeis nas ceremonias estatua José de Alencar.

Thomaz Pompeu de Sousa Brasil.
Dr. Guilherme Studart.

—

DO «CENTRO LITTERARIO»

Frota Pessoa

Represente com dous companheiros sua escolha *Centro* na gloriosa festa da inauguração da estatua do immortal cantor de Iracema.

Dr. Guilherme Studart.

DA «PHENIX CAIXEIRAL»

Heraclito Domingues, Paula Ney, Deputado João Lopes

A «Phenix Caixeiral», dominada pelo justo enthusiasmo que transborda do coração cearense, vem nomear-vos para a representardes nas festas promovidas ahi por occasião de se perpetuar em bronze o vulto do maior romancista do Brazil, o glorioso Alencar.

A Directoria.

—

DO «CONGRESSO DE SCIENCIAS PRATICAS»

Dr. Ildefonso Lima.

Sociedade «Congresso Sciencias Praticas» roga-vos a representeis festa Alencar.

A Directoria.

—

DO «CLUB IRACEMA»

Dr. Frederico Borges, Eugenio Marçal e Antonio Salles.

Representai «Club Iracema» solemnidade estatua Alencar.

A Directoria.

—

Forão estas as justas manifestações do Ceará no glorioso dia em que se inaugurou a estatua do genial auctor do Guarany, romance.

(Da *Republica* de 1º de Maio de 1897.)

—

Rasga-se hoje o véo que encobre a estatua em bronze do egregio cantor de Iracema e a multidão, contemplando-a, commovida, a saudará por certo com palmas e flôres. Justissimo preito das gerações que passão ao contemporaneo que tanto illustrou o nome brazileiro.

Bem quizeramos que, em vez da encruzilhada arida e

estreita por onde ruidão incessantemente tantos vehiculos levantando o pó das estradas, fosse antes escolhido o Passeio Publico para o lugar da estatua; nisto iria mais do que um preito, iria uma lembrança perenne do passeador solitario que pela manhã tanto alli se comprazia em scismar nas lendas da sua terra natal «onde canta a jandaia nas frondes da carnauba».

Elevado ás alturas do poder, o ministro da justiça concedia pela manhã curtissimos momentos de folga ao escriptor, que como um collegial nas horas do recreio buscava pressuroso gozar da maior somma possivel da liberdade occultando-se do duro olhar do censor austero; e era o Passeio Publico o sitio escolhido pelo poeta, onde a passos lentos percorria as sombrias alamedas, sentindo-se feliz apartado do bulicio do mundo, ainda que ouvindo o chilrear das irrequietas crianças e avesinhas a esvoaçarem-lhe em torno por entre as franças do arvoredo ou pela verde alfombra que borda as moitas florentes.

Alli o litterato desprendia-se inteiramente do estadista, o ministro cedia o lugar ao romancista, e a musa em férias dialogava com os personagens imaginarios que a fantasia creava á feição da narrativa que delineava e assim ia debuxando ou o gracioso perfil da Diva envolta em seu lendario pudor ou a desenvolta figura do ardiloso Garatuja, travesso e amoravel a um tempo.

Sem procurar imitar quem quer que fosse, assim reproduzia a lenda das priscas éras, do missionario Anchieta, escrevendo na arêa os versos do poema que ia compondo e confiando á fiel memoria.

Alma enamorada de todas as manifestações da arte, não o extasiavão menos as que a natureza desdobra e opulenta desde a vasta téla que circumda esta cidade até as miniaturas que a mão do homem semeia aqui e alli em floridos jardins; José de Alencar tinha por aquelle ninho de verdura particular predilecção, como tanto e muito queria as florestas umbrosas da Tijuca, onde passou talvez a melhor quadra da vida, ligando-se para sempre a quem lhe foi mais que companheira da existencia, foi o anjo que lhe adejou em torno, ameigando-lhe

as agruras da vida e suavisando-lhe as dôres com que cruel enfermidade o martyrisou por largos annos.

Certamente foi em um desses sitios que, contemplando as vividas florinhas conhecidas por *botões* ou *sonhos de ouro*, imaginou a delicada novella a que deu aquelle titulo, nella, como Raphael Sanzio reproduzindo nas suas Madonas a sua bella Fornarina, retratou igualmente a imagem querida do seu coração. Assim tambem deparando-se-lhe a espreitar o caminho outras florinhas modestas, ao *myosothis* segredou talvez estes versos tão singelos e tão meigos como quem os inspirou:

Florzinha azul, minha irmã,
Ouve o que te peço, — sim?
Se ella passar amanhã,
Faz que se lembre de mim.

Se o pésinho lindo e breve,
Roçando pelo capim,
Tocar-te, beija-o de leve,
P'ra que se lembre de mim.

Se uma de vós fôr escolhida
Por seus dedos de jasmin,
No casto seio escondida
Faz que se lembre de mim.

Eu parto, te deixo aqui:
Vive, brilha sempre assim;
Quando ella te olhar, sorri,
Talvez se lembre de mim.

Mas tudo deve acabar,
Tudo no mundo tem fim,
Talvez quando eu voltar,
Já nem se lembre de mim.

Não é impeccavel a fórma, o confessamos, mas é naturalissima. Espontanea, a imaginação do poeta não se prendia ás impreseriptiveis regras da arte; que lhe importavão taes regras quando só buscava expandir o sentimento que lhe ia na alma? Como o politico, o poeta viveu sempre insurgido, e foi por isso que jámais poz remate ao poema que irreflectidamente talvez prometteu, criticando os *Tamoyos* de Magalhães, ante-pôr-lhe como modelo da poesia indigena; mais tarde, arrependido de haver posto mão á obra que demandava tanta subordinação a preceitos, dizia elle a um amigo aconselhando-o que deixasse de fazer versos: desde que não se é um genio para que pear o pensamento em moldes tão estreitos; é preferivel dizer em prosa, pois, assim ao menos não sahe mutilada.

Não obstante o poeta de vez em quando sentia necessidade de submetter-se á metrificação e á rima, mormente quando inspirado pela arte tinha de applaudir a propria arte; assim foi que ao ouvir a festejada cantora La Grange, escreveu estes versos que entregues a seu émulo na imprensa, Francisco Octaviano, este os publicou no *Correio Mercantil*:

Toda harmonia sublime,
Tem uma tecla, uma fibra,
Uma linguaguem que a exprime,
Corda suave que a vibra.

Canta o poeta na lyra,
Na praia a vaga suspira,
Gemendo soluça o vento
Dos mares na solidão;
Mas a ti por instrumento
Deu-te Deus o coração.

Nessa harpa do sentimento
Todas as notas são hymnos,
Transforma-se o pensamento
Em mil poemas divinos.

E quando essa alma celeste
Fórmas do genio reveste,
Ha no canto um drama vivo,
Cada som cria uma idéa,
E com teu gesto incisivo
Escreves uma epopéa.

O poeta não póde, é certo, vasar nos moldes do verso o poema que promettêra aos leitores das *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*; os *Filhos de Tupan* ficárão truncados no quarto canto, como o fuste da columna canellada a primor sem o capitel mal esboçado no bloco, mas em compensação o romancista pleno de poesia e livre das exigencias da fórma opulentou as lettras patrias com o modelo unico no genero—*Iracema*, que só por si bastaria para firmar uma reputação e laurear um nome.

E' nesse poema em versos não medidos, como bem se lhe póde chamar, que se retrata a feição caracteristica do inimitavel romancista.

Da primeira á ultima pagina tudo alli nos falla da patria selvagem e bella, da natureza virgem e esplendida, deste nosso Brazil emfim, tão grande e tão magestoso, com as suas montanhas topetando os céos, os seus rios invadindo os mares, as suas florestas que ensombrão as alturas e os seus passaros de tão variegadas côres e infinitas gammas.

Contemplador insaciavel de todas essas bellezas, José de Alencar dellas hauria esse poetar incessante, que dava á sua linguagem, por menos correcta que fosse, encanto, essa attracção, que a todos prendia ainda nos mais aridos assumptos.

Como os grandes meteoros que fulgem e fogem no espaço deixando os que os contemplão deslumbrados, José de Alencar, em pouco menos de um quarto de seculo, percorreu a sua carreira litteraria e politica. Estrella de primeira grandeza, listrou de luz o céo da patria em rapida, larga e fulgurante trajectoria.

Em 1850 volta ao Rio de Janeiro, para onde viera do Ceará, seu berço, aos 10 annos de idade, e inicia a carreira de advogacia, tomando por mestre na pratica o notabilissimo jurisconsulto Caetano Alberto Soares; em 1853 estréa na imprensa fluminense escrevendo no *Correio Mercantil* os folhetins *Ao correr da penna*, firmados pela sigla *Al*, que foi o seu sinete de guerra; em 1855 assume a direcção do *Diario do Rio de Janeiro*, e desde então datão todos os seus grandes triumphos.

Um esquecimento, senão uma falta proposital, por parte de Gonçalves de Magalhães, que o não convidára para ouvir a leitura da *Confederação dos Tamoyos* no gabinete imperial, transforma o jornalista politico em critico litterario. De viseira ainda cahida, surge, pelas columnas do *Diario*, *Ig.* e com tanta proficiencia que o velho amigo e mestre do autor criticado, o eloquente e laureado Monte Alverne, defendendo o poema de critica tão acerba, é obrigado a confessar que tem diante de si um contendor de pulso e de valia.

Reunidos os artigos da critica diaria em apusculo, *Ig* levanta a viseira e assigna-se José de Alentar—applaudido pela mocidade, sagra-se por suas proprias mãos. Estreia-se então o romancista, a principio com esbocetos de pouco folego mas já reveladores de um miniaturista insigne. Como desenhista adestrado, a rapidos traços esboça os *Cinco minutos* e a *Viuvinha*, já muito afastado do estreante na *Alma de Lazaro* e o *Ermitão da Gloria*, quando ainda quarto annista, collaborava em 1846 nos *Ensaios litterarios* do Ceará.

O *Diario do Rio de Janeiro* foi, de 1855 a 1858, o grande campo onde o activo cultor semeou, ensaiou, cultivou todas as especies, de todas colhendo fructos mais ou menos abundantes mas sempre sazonados e bellos. Em folhetim publicou o texto da opereta a *Noite de S. João*, que o maestro brazileiro Elias Alvares Lobo poz em musica; e, logo seduzido pelos louros do palco, concorre com Macedo, Varejão, Bocayuva e Pinheiro Guimarães ao theatro Gymnasio. O *Demonio Familiar*,

Verso e Reverso, *Mãi* e as *Azas de um anjo* dão-lhe a mais invejavel notoriedade e o cumulão de applausos.

De par com o escriptor litterario avultava o scientifico ; a jurisprudencia nelle tinha tambem estudioso investigador ; não possuia uma carta de bacharel como mera condecoração, não fazia do escriptorio da advocacia lugar de passa-tempo ; não era sómente um escriptor fecundo, era um trabalhador infatigavel. Desde que entrára para a redacção do *Correio Mercantil* conjuntamente, *ao correr da penna*, escrevêra uma revista forense. Com igual fervor votado ás lettras amenas dedicava-se ás juridicas : a *reforma hypothecaria*, serie de artigos discutindo tão grave assumpto, dera-lhe notabilidade entre os confrades, senão pela excellencia da doutrina, quando menos pelo brilhantismo e clareza da fórma.

Mais que director do *Diario do Rio*, quasi se póde dizer em si individualisava toda a redacção, tratava de todos os assumptos, collaborava em todas as secções, e em todos impunha o cunho de sua personalidade. Como Rembrandt nos toques que dava aos quadros dos discipulos enchia-os de vida e luz, assim José de Alencar, retocando os artigos dos collaboradores, aprimorava-os na fórma e esclarecia-os no fundo.

Acompanhando, como redactor politico, a marcha dos negocios publicos, analysando os actos do governo, apoiando ou combatendo os projectos do parlamento, foi pouco e pouco, sem o pensar talvez, deixando-se atrophiar pelas lutas partidarias, não tardando a abraçar a bandeira conservadora, cuja indole mais se coadunava com o seu caracter moderado, reflectido e sempre correcto.

A correcção foi a linha principal de sua vida : era-o no trajar, no viver e no sentir. Sem o mais leve descuido no vestuario, sem procurar jámais destinguir-se por exteoridades, sempre calmo, até certo ponto pousado, só era attrahido pela sympathia que inspirava aquelle rosto pallido, emoldurado por cerrada barba esmeradamente cuidada. Sempre de gestos comedidos e olhar sereno, ao vê-lo dir-se-hia que nunca tivera mocidade, essa moci-

dade inquieta, risonha e feliz, que della faz a melhor época da vida; uma nuvem esbatida, como as que fluctuão ao longe em uma bella tarde de sol, sombreava-o, parecendo recordar uma dessas maguas intimas que de todo jamais se apagão do pensamento.

No trato era amavel, na conversação deixava por vezes de ser chistoso, mas sem se esforçar por sê-lo, fallava com mais vagar do que escrevia. Quando estreou na Camara sahio-se mal, ficou descontente com isso; mais tarde, porém, tirou a desforra prendendo o auditorio, ainda que com pouca eloquencia, mas extraordinario vigor.

Chegado aos 30 annos, sentiu-se afinal subjugado pela politica e por isso com razão escreveu em sua autobiographia « o *politico* foi o unico homem novo que se formou na virilidade »; na verdade assim foi; já feito nas lettras amenas e juridicas, gozando em ambas boa reputação; em 1859 deixou a imprensa como combatente de fileira, e passando-se para a reserva aceitou um logar de chefe de secção da secretaria da justiça, para logo ser nomeado consultor do mesmo ministerio, cargo que exerceu por perto de nove annos com tanto zelo e dedicação, que, dizia-nos elle calcular em seis grossos volumes em 4º, o que darião reunidos os pareceres que emittio, não poucos dos quaes firmárão aresto.

Uma vez decidido a fazer carreira politica, não vacilou mais um momento; em 1860 parte para o Ceará a pleitear a sua candidatura; eleito, toma assento na Camara dos Deputados, mas não conseguindo salientar-se de prompto entre os que por esse tempo tanto abrilhantavão a tribuna parlamentar, volve saudoso aos antigos amores litterarios e de novo o poeta romancista desabrocha em flores e fructos, tendo por colorido dominante o indianismo da terra natal.

—Como voltei outros ?! dizia-nos elle; as campinas do Ceará derão-me nova vida e ainda mais novas inspirações.

José de Alencar era nativista ao extremo, chegando quasi a considerar se estrangeiro nesta cidade em que passou a maior e mais util parte da vida. Ao voltar de

uma viagem á Europa, por motivos de saude, dizia-nos tambem fallando da natureza ; como aquillo por lá é triste, tanto quanto aqui é alegre ; Lisboa é uma cidade morta, Paris um kaleidoscopio vertiginoso ; só aqui me sinto bem.

Mas já então minava-lhe profundamente a existencia a cruel enfermidade a que succumbio ; á tristeza do mal juntava-se a desillusão politica ; menos de vinte annos bastára para tanto ; e não deixava de ter razão, era difficil comprehender como um talento de tão fino quilate assim fosse posto á margem.

José de Alencar tinha fundas queixas de alguns correligionarios e mais profunda ainda do ex-imperador. Quem estas linhas escreve foi seu auxiliar no *Dezeseis de Julho*, acompanhou de perto o episodio da eleição sextupla do Ceará, está convencido que nelle não coube a D. Pedro II o peior papel, mas tem bases para afirmar que se o ex imperador podia ser cognominado o nosso Mecenas, não era por José de Alencar, de quem jámais foi admirador e menos amigo.

Moço e apaixonado por aquelles tempos, o collaborador de Alencar no *Dezeseis de Julho* tambem atirou a sua pedrinha ao throno em um pamphleto que por ahi se encontrará entre tantos outros esquecidos de igual jaez, mas ouvindo, como ouvio, ao queixoso o caso miudamente narrado, nunca lhe deu inteira razão ; pois o ex-imperador quando Alencar pedia-lhe venia como ministro, para apresentar-se candidato, dizendo-lhe que não achava isso correcto por pertencer ao ministerio que fizera annular a eleição no Senado, para dar ensejo a novo pleito, como que o punha de sobre-aviso que não o escolheria, como não o escolheu.

José de Alencar, já o dissemos, como o poeta foi um politico incorrecto, jámais se subordinou nesta carreira ás chamadas conveniencias partidarias—como naquelle trato com as musas tambem jámais se submetteu ás regras da arte

Ministro, viveu sempre divorciado do paço e foi avesso ás suas etiquetas, a ponto de deixar de comparecer ás

recepções officiaes nos dias de grande gala, mormente por motivo de anniversario natalicio dos membros da familia imperial, o que deu o motivo ao reparo, que fez o imperador a um dos seus collegas do ministerio.

Ouvimos que o grande estadista Barão de Cotegipe o chamára «pirracento»; o grande romancista José de Alencar nos explicou o motivo, que aqui o reproduzimos como interessante nota anecdotica para a historia do segundo reinado.

De ha muito se levantavão queixas contra o commandante superior da guarda nacional, que era então o general Manoel Antonio da Fonseca Costa, hoje finado marechal Marquez da Gavea; se essas queixas erão ou não bem fundadas, ignoramos, nem vem ao caso verifical-as; quer por esse motivo, quer porque José de Alencar tivesse contas a ajustar do tempo em que fôra chefe de secção da secretaria por onde corrião os negocios da guarda nacional, o certo é, que desde que entrára para o ministerio levára o plano de demittir aquelle commandante superior.

Em reunião ministerial fundamentou e apresentou o decreto da demissão: o integro chefe do gabinete, o Visconde de Itaborahy, ponderou-lhe que as queixas que se levantavão não davão para tanto, fazendo vêr ao collega que o imperador era amigo de Fonseca Costa e que não assignaria assim tão facilmente a sua demissão; José de Alencar insistiu e o gabinete concordou afinal.

Na occasião do despacho, chegada a vez do ministerio da justiça, o imperador leu o decreto da demissão; mas em vez de assigna-lo limitou-se a monosyllabar—bem—e apô-lo por baixo de todos os papeis Depois de rubricar um certo numero de decretos, fechando a pasta accrescentou—o resto fica para depois.

Notando Alencar que os collegas sorrião e com particular accentuação o barão de Cotegipe, suspeitou que o procedimento do monarcha denotava o quer que fosse que lhe era antagonico; effectivamente o mais intimo dos collegas com quem regressou de carro, disse em caminho que essa era a fórma imperial de rejeitar o decreto que não lhe quadrava.

Segunda vez voltou Alencar com o mesmo decreto de demissão e segunda vez tornou o imperador a costumada manobra, accrescentando ao citado monosyllabo — veremos isto outra vez.

Não era preciso mais a um ministro da tempera de José de Alencar para tomar um partido decisivo; na primeira reunião ministerial declarou determinantemente que deixaria a pasta se ella não voltasse do proximo despacho com o malfadado decreto assignado pelo imperador.

No esperado despacho, quando a mão imperial se preparava para remover o conhecido decreto para o ultimo lugar, a do Ministro da justiça impedindo o movimento apresentou outro papel, dizendo Alencar um tanto bruscamente—se V. M. não quizer assignar esse assigne este—era o da sua exoneração. D. Pedro II fez algumas observações no sentido de não assignar nenhum dos dous decretos mas adiante da insistencia do ministro cedeu, assignando afinal o da demissão do commandante superior da guarda nacional.

Não foi esta a unica vez em que se entrechocárão as duas vontades, a do Imperador e a do ministro, talhadas para serem antagonicas entre si e partidas de origens oppostas na escala social; uma trazia a supremacia da raça e a outra a da intelligencia, esta que se retemperava nas lutas da imprensa sentia-se tão forte que longe de moldar-se como o aconselhavão as conveniencias partidarias, buscava enfrentar e vencer aquella.

A luta empenhára-se, é certo, mas ninguem duvidava do lado em que estava o vencedor.

Afastado do poder, mas não da politica, José de Alencar collocou-se á frente do *Dezeseis de Julho*, que já se publicava sob sua inspiração; era o momento decisivo, cumpria-lhe desfraldar a bandeira da revolta: não o fez, um momento de esperança acarretou-lhe um momento de fraqueza que decidio de seus creditos politicos.

O processo eleitoral estava concluido, seu nome figurava na lista; seria o escolhido?

Esta interrogação trouxe-lhe a perplexidade, e tanto bastou para que o combatente de uma arma em punho

se recordasse de que a politica é uma sciencia de transigencias e concessões. Em vez de começar por uma batalha campal, entrou a fazer escaramuças, a esgrimir á direita e á esquerda, ferindo adversarios e correligionarios a um tempo; por sua vez os amigos para evitar-lhe os botes certeiros apropinquavão-se-lhe simulando sympathias que estavão bem longe de sentir.

Quando José de Alencar chamou para seu auxiliar quem escreve este artigo, disse-lhe—não estaremos sós, temos amigos que nos acompanharão e auxiliarão—com cedo os acontecimentos provárão o contrario; tão depressa a não escolha do laureado escriptor para representante vitalicio da sua provincia natal revelou o desagrado imperial, como esses amigos debandárão, deixando sós o chefe e os auxiliares. E' curioso isto; o editor da folha começou desde então a recebê-la devolvida pelos correligionarios; os que se havião compromettido em propaga-la e até a mandar o importe das assignaturas angariadas desculpavão-se dizendo estarem elles e os amigos muito sobrecarregados, que não lhe mandassem mais a folha, accrescentando até alguns «para os não comprometter».

Esta deserção tão pouco decorosa por parte de correligionarios, que havião até fruido favores politicos do jornalista, encheu-o de funda magua e não pouco concorreu para aggravar-lhe os padecimentos. Morava então José de Alencar no fim da praia de Botafogo, e pela manhã passeando com os queridos filhos, que erão seu encanto, não poucas vezes externou essa magua ao discipulo a quem iniciára e dera as primeiras lições dessa arma que em suas mãos era uma clava.

Cabe aqui um reparo muito justo que impõe o dever da amisade, que consagramos a um dos mais respeitaveis estadistas do passado regimen.

Diz-se e já houve quem escrevesse, que entre os companheiros de José de Alencar no gabinete Dezeseis de Julho que lhe forão menos leaes, com relação á sua escolha para senador, figura o Sr. conselheiro Paulino de Souza, que era então o ministro do imperio; nunca tal

ouvimos do laureado mestre, tanto quanto sabemos e como mero comparsa no caso, assim se passou este:

Como não é ignorado, foi o Sr. conselheiro Paulino de Souza quem lembrou ao seu illustre parente, formador e chefe daquelle gabinete, o nome de José de Alencar, foi quem o apresentou e mais com elle se identificou em o periodo do seu ministerio. O imperador sabia dessa precedencia e da amisade que ligava os dous, e por isso mesmo ao Sr. conselheiro Paulino de Souza externava as queixas que tinha de José de Alencar, como a que acima referimos sobre seu não comparecimento ao paço nos dias de grande gala; e foi tambem por isso, que no dia ou antes na noite do despacho, em vez de dar ao ministro do imperio os nomes escolhidos na lista sextupla, deu-as ao chefe do gabinete, que só na manhã seguinte os entregou a quem competia mandar lavrar as cartas senatoriaes.

Nessa noite esperava José de Alencar em sua casa o Sr. conselheiro Paulino, que lhe devia levar a boa ou má nova, conforme parece que lhe promettêra; promessa que não pôde cumprir desde que, como já vimos, não lhe fôra dado pelo imperador os nomes escolhidos.

Mandando o artigo de fundo para o *Dezeseis de Julho*, recommendou Alencar a seu alludido auxiliar que lhe enviasse á casa as provas e quando as devolvesse mandaria dizer se o artigo deveria ser ou não publicado. Ao terminar um dos ultimos actos do drama a que assistia em um theatro, aquelle redactor da secção litteraria recebeu as provas tão profundamente alteradas, que depois de feitas as emendas guardou comsigo as correctas pelo autor e recolhendo-se á casa, levava quasi que a certeza de que o seu chefe não era um dos novos senadores em expectativa.

No dia seguinte disse-lhe Alencar que o Sr. Paulino de Souza não tinha ido procura-lo de volta do despacho, como promettêra, por isso suspeitara não ser o escolhido; o que bem explicava a falta da promessa, pois certamente não quizera o amigo que tanto o prezava ser portador da má nova; ignorava ainda o que se havia passado, só depois soube a verdade.

Ao receber os nomes escriptos pela mão imperial, o Sr. conselheiro Paulino de Souza não quiz se conformar com a escolha, foi á procura do collega de ministerio com quem tinha maior solidariedade, o barão, posteriormente marquez de Muritiba, e concertou com elle ver se obterião do Imperador a troca de um dos nomes preferidos pelo de José de Alencar; estavão dispondo as cousas nesse sentido, quando, aproximando-se o barão de Cotegipe, que de longe ouvia a conversa, lembrou ao Sr. conselheiro Paulino de Souza, que assim procedendo iria de encontro á doutrina que sustentára, não havia muito, pela tribuna, e cremos que tambem pela imprensa, que ao Imperador exclusivamente competia, sem audiencia de nenhum ministro, a escolha senatorial.

Se com essa reflexão, posto que partida de quem andava em desavença com Alencar, se derão por convencidos ou não o barão de Muritiba e o Sr. conselheiro Paulino de Souza, é o que não sabemos; o que nos constou é que este ainda reluctou, e só com a intervenção do venerando chefe do gabinete se deu por vencido.

Esta versão póde soffrer retoques não duvidamos, mas que é bem fundada, podemos garantir e basear em factos que em outra occasião, e a seu tempo, talvez ainda sejão expostos documentadamente.

E tanto nos parece ser esta a verdade que as relações amistosas entre aquelles dous illustres membros do gabinete Dezeseis de Julho não forão interrompidas e menos a solidariedade politica que mais que nunca se manifestou na Camara, por occasião de discutir-se a lei de 28 de Setembro de 1874, em que José de Alencar fez parte e como ardente batalhador da opposição dirigida pelo Sr. conselheiro Paulino de Souza.

Mas como quer que fosse, essa preterição não foi dos menores golpes soffridos em vida pelo grande escriptor, que por occasião de taes revezes só buscava dous unicos refugios fundidos em um só no crysol de seus mais ardentes affectos — as lettras e a familia. — Retrahido, de viver modesto, só se consagrava aos filhos queridos e ás producções litterarias, reunindo-os em um só amplexo,

Era bello de ver-se esse homem verdadeiramente illustre despreocupado inteiramente do mundo, rodeado dos filhinhos, passeando ou sentado ao ar livre. interromper as cogitaçõea em que andava quasi sempre immerso para responder ás curiosas e innocentes interrogações das louras crianças, em cujos olhos cheios de luz e pureza hauria a sua maior ventura na terra.

Por ellas o poeta enfermo e fraco persistia trabalhador infatigavel, folheando e estudando os autos, que lhe entregava numerosa e confiante clientella; por ellas observava a mais stricta economia que os desaffectos tão mal traduzião.—A minha vida é curta, dizia elle a um amigo ao ir um dia ao Banco Rural, que ficava perto do seu escriptorio, depositar em caderneta os honorarios que acabava de receber; preciso juntar alguma cousa para que meus filhos sejão educados sem o favor de extranhos.

O nababo de talento que de tantas riquezas litterarias havia opulentado a Patria, não queria que passasse á Patria a educação dos filhos; repellia com a sobranceria,que lhe era condigna, a idéa de que elles viessem a precisar de uma pensão dos cofres publicos.

Este nobre traço do seu bello caracter não é o menos merecedor da nossa admiração. Horacio de outra tempera, de antemão recusava os favores posthumos,que por ventura outro Mecenas quizesse fazer a sua familia.

A enfermidade progredia e o enfermo procurava combatê-la por todos os meios e modos, já submettendo-se á mais rigorosa dieta, já emprehendendo excursões ora á Europa, ora aos sertões da terra natal, ora mudando de residencia e de bairro; procurava viver, viver unicamente para a familia e as lettras; e assim ia vivendo, mas sempre trabalhando, o trabalho tambem lhe era allivio ás dores que o cruciavão.

O romancista não cessáva de produzir, o jornalista não podia viver inteiramente afastado do campo onde tanto se assignalára e tantas victorias alcançára; apertou-lhe um dia a saudade, projectou um periodico ao menos, um hebdomadario, para expandir a nostalgia do combate; ao discipulo com quem sempre manteve as melhores rela-

ções confiou o plano unido a um outro amigo commum, um nobre e bello companheiro, José Lino de Almeida, já tambem finado, e emprehendeu a publicação do *Protesto*, a que deu o significativo subtitulo de *jornal de tres*; foi a sua ultima arma; o combatente ainda com ella esgrimio gentilmente, mas já enfraquecido, não tardou a cessar o *Protesto*, e o ultimo artigo, que delle ficára composto sobre o Diccionario Aulette, sahio na *Imprensa Industrial* que redigião aquelles dous amigos.

Tambem o ultimo artigo sobre seus meritos litterarios que elle leu, já no leito da morte, foi publicado com o seu retrato no *Contemporaneo*, por um daquelles dous amigos, o discipulo agradecido que foi leva-lo em uma das costumadas visitas á rua de S. Clemente, onde o grande escriptor terminou a sua peregrinação.

Dias depois, naquelle mesmo *Contemporaneo*, o mesmo discipulo pagava o tributo de sua profunda saudade, narrando o epilogo dessa vida tão preciosa á Patria, ás lettras e á familia, triplice objectivo do affan com que tanto produziu José de Alencar, chegando no espaço de um quarto de seculo a contar quasi pelo numero das obras publicadas o numero dos annos de tão fructuosa existencia.

Como o soldado coberto de cicatrizes a quem tão eloquentemente dizia o padre Antonio Vieira—morre e vinga-te—, assim José de Alencar morrendo aos 48 annos, tão combalido de maguas, vingava-se da maldade dos homens, emmudecendo a penna que de tantos e tão admiraveis primores havia opulentado a litteratura brazileira.

Mais feliz que a do grande épico lusitano, a sua memoria não precisou de seculos para ser exalçada como merece; os contemporaneos pagão-lhe hoje, com usura, o capital e juros, os applausos que lhe regateavão ainda quando o combatente ferio as maiores pugnas e triumphava mais galhardamente.

O dia de hoje firma uma data duplamente memoravel, a do nascimento do cearense illustre e a da glorificação que os fluminenses lhe tributão, acclamando-o como um dos mais bellos nomes do seu jornalismo; quanto a nós,

simples soldado deste grande exercito de que elle foi victorioso chefe, só nos resta bradar com a voz da multidão:

GLORIA A JOSÉ DE ALENCAR!

(Do *Jornal do Commercio*, Rio, de 1º de Maio de 1897.)

A nação brasileira paga hoje um tributo de gratidão, congregando-se em torno da estatua de José de Alencar, que se inaugura. Não é vulgar no Brazil esta homenagem, nem consta que haja sido aqui prestada a outro homem de lettras, além de Gonçalves Dias, o grande poeta dos *Tymbiras* e do *Ijucapirama*, no Maranhão.

Illustra-se a geração hodierna com este preito pago ao admiravel escriptor que roteou com brilho os varios campos da litteratura, e que ao lado de tantos trabalhos primorosos no romance, no theatro e na critica ainda soube occupar posição proeminente ao lado dos politicos mais respeitados do seu tempo. No parlamento, nos conselhos da corôa, no pamphleto politico Alencar foi ainda um vulto gigantesco, que hombreou com os mais fortes, e não raro sahiu vencedor das luctas em que se envolveu.

Não é preciso offerecer aos nossos leitores a biographia do eminente romancista cearense, nem ella caberia nos estreitos limites desta folha. Consignemos tão sómente a justiça da homenagem que desde hoje se eternisa no bronze cinzelado pelo bello talento de Rodolpho Bernardelli.

Ella é particularmente feita a um homem de lettras, e os louros que o povo deposita aos pés de um artista da palavra, a um cultor do ideal, honram no mais elevado gráo a sua civilisação e attestam soberanamente a sua cultura.

A estatua será inaugurada hoje, á 1 hora da tarde, na praça Ferreira Vianna, em presença dos Srs. presidente e vice-presidente da Republica, prefeito municipal, do ministro do Chile, almirante Goni e officialidade da divisão naval chilena.

E' este o programma da solemnidade:

1º Discurso do Dr. Ferreira de Araujo, entregando a estatua á cidade do Rio de Janeiro, representada pelo Dr. Prefeito Municipal; 2º Inauguração da estatua; 3º Discurso do Dr. Coelho Netto a José de Alencar; 4º Discurso do Sr. Antonio Salles, representando o Ceará; 5º Discurso do Sr. Olavo Bilac a Rodolpho Bernardelli; 6º Execução, pela banda do Instituto Profissional, da marcha, *José de Alencar*, especialmente composta para esta festa a pedido da Commissão Central da Imprensa, pelo illustre maestro Cardoso de Menezes.

Comparecerão, além da banda do Instituto Profissional, duas bandas militares.

A directoria da Arcadia Fluminense, associação de lettras e artes, puramente nacionaes, com séde em Petropolis, telgraphou hontem ao Dr. J. Tavares Bastos para represental-a na ceremonia de inauguração da estatua de José de Alencar.

No largo da Carioca, ao meio-dia, encontrarão as pessoas convidadas para assistir á inauguração da estatua bonds especiaes.

(Da *Gazeta de Noticias* de 1º de Maio de 1897).

Honra-se hoje o povo brazileiro levantando uma estatua a um dos homens que mais o tem ennobrecido pelos fulgores da sua intelligencia, pela intensidade do seu sentimento artistico—José de Alencar.

Feliz idéa foi essa da commissão da imprensa incorporando a inauguração desse monumento ao mais original e creador dos romancistas brazileiros no programma das festas populares á esquadra surta nas nossas aguas e que é a representante poderosa de uma das nações mais notaveis pela cultura litteraria do continente Sul-Americano.

A civilisação de um povo afere-se principalmente pelas

homenagens que sabe prestar aos seus pensadores, aos seus artistas, aos seus homens de sciencia, aos que o illustram com o devotamento da sua actividade espiritual—e o que nós vamos hoje affirmar é exactamente esse culto á memoria dos que, despreocupados do interesse individualista, agitados pela febre do torturante idéal, augmentaram com a soberba contribuição do seu talento o patrimonio das nossas glorias, deram ao poder artistico da nossa raça, da sua capacidade esthetica, um largo e immorredouro testemunho.

De certo o Brazil não é ainda, e nem podia ser, um foco de idéas, um opulento centro intellectual, em que as curisiodades do saber, do instincto penetrante das analyses psychologicas, as audacias do pensamento reformador, as delicadezas da arte se impuzessem pela sua radiação ao apreço universal, deixando em segundo plano o desenvolvimento do nosso commercio e a abundancia das fontes da riqueza nacional.

Como todos os paizes americanos, o Brazil teve de passar primeiramente pela phase exclusivamente mercantil, sujeito á predominancia de uma classe de rudes trabalhadores, refractarios, por educação e por indole, ás occupações altas da intelligencia, e que no seu estreito criterio de rebuscadores de fortuna viam nas sofreguidões da arte funestos desperdicios do labor humano. Só quando a influencia cosmopolita começa a ser neutralisada pela cohesão dos elementos indigenas, dando esteios e fórma definitiva á nacionalidade, é que a expansão intellectual se manifesta e os interesses subjectivos, as exigencias da arte vão fascinando as almas, crescendo o seu dominio glorioso.

Em toda a America do Sul fomos nós, porém, os primeiros que debellámos essa incoercivel oppressão da ignorancia acastellada em ouro, oppondo aos preconceitos do utilitarismo commercial as insurgencias da nossa sensibilidade artistica, o amor, fundamental na raça, da fórma melodiosa, a admiração pelas grandes obras litterarias, esse insofreavel anceio de exprimir n'uma linguagem instrumentada todas as maravilhas da nossa terra

sumptuosa, todas ao tempestades da nossa razão, todas as melancolicas ternuras do nosso genio.

E de que a nossa emancipação se fez primeiro está a prova ahi bem clara na pujança da nossa litteratura, brilhantissima para um povo que nasceu quando o sol do seculo já ia alto, no esplendor da nossa evolução artistica, já notavel na musica, na esculptura, na pintura e, principalmente, na assombrosa fulguração da nossa poesia, que raros povos hoje igualam na factura preciosa do verso e na fina, doce e etherea graça com que dizem todas as agruras, todas as bençãos, todos os mysterios, todos os encantos magoados do amor.

O pouco que somos hoje já garante o muito que seremos amanhã.

Do desenvolvimento litterario do Brazil, da elevação espiritual do nosso povo, dá prova hoje a estatua levantada a José de Alencar, o auctor do *Guarany*, das *Minas de Prata* e dessa joia que vale uma litteratura, a brilhante e perfumada *Iracema*. Porque é preciso notar que, tendo sido José de Alencar escriptor e politico, é em honra do escriptor que este monumento se ergue, tributo merecido de uma geração, que professando hoje idéaes bem diversos em arte, reconhece o valor da producção desse evocador de eras mortas, desse interprete quasi divino de uma natureza, toda assombros, desse psychologo soberbo de obscura raça, que com os seus amores voluptuosos, os seus esplendidos cantos triumphaes, o estridor das suas pelejas, povoava de hymnos e dores o coração de nossas florestas.

Grandes devem ser os destinos de um povo que assim sabe amar quem para a sua gloria preparou tão bello monumento de cantos, tão milionarios thesouros de surprehendentes imagens, tão doces livros repassados do que o nosso céo tem mais dourado em pompas e ungido do que o nosso coração tem de mais nobre em sentimentos e idéaes.

(Do *Pais* de 1º de Maio de 1897.)

A inauguração da estatua de José de Alencar põe uma nota delicadissima nas commemorações em que o povo d'esta cidade está agora empenhado.

Quando ha dois annos inaugurou-se a estatua do General Osorio, estiveram aqui os uruguayos. Recebemol-os, como deviamos, com festas e galanterias—mas festas e galanterias de caracter meramente official sem a menor repercussão no espirito do povo, que, se admira e exalça o seu grande guerreiro, typo legendario de bravura, não tem pelos fastos da guerra do Paraguay o enthusiasmo, que só despertam as grandes causas. D'essa guerra infeliz contra um povo americano, pequeno mas heroico, ha apenas a recordar o brilho e o garbo de feitos singulares do nosso exercito e da nossa marinha.

O conjuncto, desde as causas reaes até o desenlace, quando o recúo do tempo tiver, pela perspectiva historica, dado ás memorias d'esse tempo a sua verdadeira dimensão, apparecerá, senão como um crime ou um erro, ao menos como precipitação lamentavel, como mais um documento da deploravel politica do imperio.

Assim, se é justo que se celebre o santo amor da Patria, que armou para a lucta corações como o de Osorio, braços como o de Caxias e outros, é tambem bom que todas as lembranças, não só de velhos odios já apagados, mas até de simples ressentimentos, vão aos poucos desapparecendo entre os povos de um continente, que deve dar ao mundo o exemplo da fraternidade, da concordia, do progresso pacifico.

Quem melhor para lembrar tudo isso do que um nome de escriptor, de escriptor que foi talvez o maior dos nossos poetas, de poeta que sentio como nenhum outro o ideal americano? Certo esse ideal, que inspirou o *Guarany*, nós hoje reputamos inteiramente falso e, desprendido das paginas de ouro d'aquelle delicioso poema, elle nos parece um tanto pueril. Mas o que vale nas obras de arte, sejam quaes forem as fallaciosas definições que dellas dão os criticos profissionaes, e o sentimento que as inspirou, é o sentimento que lograram transmittir. E sobre esse, não ha duvida, Alencar queria antes de tudo

pintar o homem das nossas selvas, exalçal-o na grandeza, na exuberancia indomita da natureza americana; queria desprender-se dos velhos moldes europeus. Até por esse lado, a sua festa está bem no dia de hoje.

Já se têm feito estatuas fundindo o bronze de velhos canhões para commemorar melhor vultos celebres de guerreiros. Bronze de canhões! por força ha n'elle (que importa se o chimicos o não vêem?) sangue e lagrimas. No da estatua, porém, do poeta do *Guarany* e de *Iracema*, em vez da sombria lembrança de um tropel de batalhas, ha o suavissimo rumorejar das nossas florestas, o murmurio magestoso e manso dos grandes rios d'esta grande America...

Oxalá, cada vez menos possam vozes tão debeis, mas tão puras, ser suffocadas pela grita da discordia, pelo troar sinistro dos canhões!

(D'*A Noticia* de 1º de Maio de 1897).

Inaugurou-se hontem na praça Ferreira Vianna a estatua de José de Alencar, e a essa justissima homenagem associou-se a população desta cidade, representada por todas as classes sociaes.

Apesar do sol e intenso calor, as praças e immediações estavam apinhadas, sendo extraordinario o numero de senhoras.

Foi uma festa essencialmente popular, a que prestou o seu grande concurso o governo da Republica, na pessoa do seu presidente Dr. Prudente de Moraes, que compareceu com a sua casa civil e militar, sendo recebido pela commissão central da imprensa ao som de vivas e do hymno nacional executado por diversas bandas de musica.

Assistiram á cerimonia os Srs. vice-presidente da Republica, Dr. prefeito e conselho municipal, commissão da camara dos deputados, o Sr. ministro do interior, conselheiro Antonio Ennes, ministro de Portugal, commissões do Instituto Historico, das Escolas Superiores, das Faculdades Livres, dos estudantes de preparatorios,

do Gremio José de Alencar, commandante da Brigada Policial e corpos da mesma, officiaes do exercito, magistrados, medicos, litteratos, tendo comparecido tambem grande numero de officiaes da esquadra chilena que foram recebidos ao som do hymno chileno e vivas repetidos.

A familia Alencar esteve representada pela sua estimada viuva, seus filhos, seu irmão barão de Alencar e mais parentes.

A digna senhora recebeu os cumprimentos das pessoas prasentes, inclusive da officialidade chilena.

Pouco depois de uma hora, reunidos com o Sr. presidente da Republica,a familia Alencar,o Sr. vice-presidente da Republica, prefeito, intendentes, commissão da camara dos deputados e outras e muitas senhoras e cavalheiros, o Dr. Ferreira de Araujo pronunciou o seguinte discurso :

Logo depois do fallecimento de José de Alencar, surgiu a idéa de perpetuar no bronze o testemunho do apreço em que tiveram os seus conterraneos o escriptor illustre que tanto brilho deu ás lettras patrias. Essa idéa não occorreu nem ao Ceará que foi seu berço, nem ao Rio de Janeiro, onde elle passou os melhores annos de sua vida, e onde luctou e soffreu, onde está o tumulo que recolheu o envolucro fragil do seu grande espirito. Não occorreu a idéa ao Ceará que mais que todos com tanta razão se orgulha do filho que lhe pagou em gloria e amor a vida que d'elle recebeu, nem ao Rio de Janeiro, ponto de convergencia e fóco de difusão de toda vida intellectual brasileira.

A idéa partiu de Minas Geraes, da cidade da Campanha, onde era então publicado o *Monitor Sul Mineiro*. Foram os redactores desse jornal, que abriram uma subscripção para o pagamento desta divida nacional, mas não foi por acaso que á Minas coube tal gloria. E' que os redactores desse jornal sentiam correr-lhe nas veias o sangue de Evaristo da Veiga, o grande jornalista do primeiro alvorecer da nossa vida politica e litteraria.

Lançada a idéa, a familia Veiga honrou a redacção da

Gazeta de Noticias, desta Capital, com o encargo de a vulgarisar. Vieram os donativos que chegaram para os primeiros trabalhos e ficaram esgotados quando foram assentados a primeira pedra e o pedestal do monumento que hoje inauguramos.

Em fins de 1894 pensou-se em dar o ultimo e decisivo impulso ao projecto. Contava-se com o talento e a abnegação de Rodolpho Bernardelli, mas era preciso pagar o bronze e a fundição no estrangeiro. Realisou-se um concerto, que foi uma festa brilhantissima, porque foi principalmente uma festa de senhoras, que porfiáram em pôr seu talento e a sua gentileza ao serviço da glorificação do poeta que doces emoções lhes causára nos seus livros em que o amor palpita quasi em cada pagina.

Com o producto dessa festa fez-se a estatua que ahi está, e que temos a satisfação de desvendar aos olhos do publico, satisfação multipla porque a fazemos em presença dos nossos amigos de além dos Andes, porque é uma prova do culto em que o Brazil tem os seus homens illustres e porque é o documento tangivel do merito de um artista nacional e porque aqui está justamente orgulhosa a sua illustre familia, a quem elle legara as delicadezas de seu grande coração e as energias de alevantoso espirito.

O que foi José de Alencar vai dize'-o Coelho Netto, um dos moços que com mais successo leva por diante a gloriosa tarefa que Alencar deixou tão bem começada; e do muito que nos merece Rodolpho Bernardelli dirá Olavo Bilac que tem uma alma de artista, como o nosso esculptor, e, como elle, o culto sagrado da fórma

A minha missão limita-se, n'este momento, a agradecer aos nossos hospedes chilenos a honra de sua visita a esta festa de familia, em que elles tinham seu logar marcado, como nossos irmãos, orgulhar-me com todos os nossos patricios, por termos sabido cumprir este dever civico, e a fazer entrega, como n'este momento faço, da estatua de José de Alencar ao governo municipal da Capital da Republica.

Que a guardem zelosamente os que governam esta

cidade, com o carinho que merece o seu filho adoptivo, que foi homem politico e occupou altas posições, mas passa á posteridade como poéta, isto é, pela qualidade que não lhe deve a força de que não raro se abusa contra os contemporaneos, mas que lhe deu o prestigio que é o que fará viver pelos tempos fóra, onde quer que haja quem seja capaz de sentir e comprehender a alsa da arte, a mais pura, a mais alta manifestação do que ha de divino na natureza humana.

O Sr. Dr. prefeito disse :

« A municipalidade do Districto Federal recebe com a maior satisfação o monumento levantado pela imprensa a José de Alencar.

Não póde regatear encomios por ver stereotypada no bronze a memoria de um brasileiro, illustre na litteratura, na imprensa e na politica, apesar de já ter elle deixado no seu rico espolio litterario monumento mais immorredouro que o bronze ; *ære perennius*.

Não é de desprezar a circumstancia que a obra artistica é de esculptor brasileiro.

Felicito a imprensa pela sua nobre iniciativa,digna dos maiores elogios, e muito para ser imitada

A vida das democracias depende exclusivamente da iniciativa particular, que suppre e corrige muitas vezes a fraqueza ou a iniciativa dos governos. »

O Sr. Coelho Netto pronunciou em seguida o seguinte discurso :

Exms. Srs.Presidente e Vice-Presidente da Republica.

Sr. Prefeito municipal ; dignos representantes da Republica do Chile.

Exmas. senhoras ; meus senhores.

De tamanha excellencia é a cerimonia que aqui nos reune em communhão religiosa,porque a arte é um culto, que eu, deslumbrado e commovido, não sei se devo começar por agradecer a Deus o presente d'esse espirito que hoje canonisamos em um concilio civico dando-lhe a ara vasta da cidade por solio, se ao artista que esculpiu o molde da pessoa de Alencar e ao poeta, seu epigno, que, como Sophocles moço, sahiu á frente da turba, com a sua

lyra, entoando, não o *peau* da victoria das armas, mas a *ode* do triumpho espiritual, conclamando a cidade para esta apotheose.

Saldamos um compromisso de honra.

Este momento é genuinamente popular porque foi feito a expensa do povo—o qual corria com mais pressa ao monte, querendo ser o primeiro a deixar o seu quinhão como se, com a curta demora, fizesse jús ao labéo de ingrato—e o vulto ahi está presidindo á vida da cidade e dando-lhe o prestigio da sua presença. Eil-o!...

Ecce pulvis! Sim, eis ahi o pó: a imagem recomposta, o barro que se fez bronze nas mãos do artista eternisador. Mumia, nada mais. E' a fórma corporal do que se foi. Erecta como um marco milliario, significa a victoria de um espirito.

Eil-o! como um deus no seu altar.

Quando nos encontramos de face com a esculptura que representa o crucificado deixamos que o nosso espirito fique agarrado á iconographia? não? ella é apenas a bahia que mostra o caminho da Verdade Suprema. O nosso olhar pouco se demora em ver, logo desvia em extase, o symbolo é a suggestão divina.

As religiões tem necessidade dos idolos para que o povo, vendo a representação *sineta* da abnegação. O cruzeiro, com os seus grandes braços dilatados, é a imagem do mundo que Deus enche com a sua essencia.

Vêde-o: os pés na terra, a dextra no oriente, a sinistra no occidente, no zenith a cabeça. Todo homem é uma grande cruz onde uma alma padece, Deus que é alma grande da natureza, fazendo-se homem, quiz apresentar em symbolo o soffrimento humano e o grande bem da morte: subindo o calvario, agonisado e pendendo a cabeça; depois resurgiu dos mortos na terra como para demonstrar a perpetuidade da vida material que se reproduz em germens e ascendeu ao céo como para soffrer a eternidade da vida espiritual.

A ressurreição é um facto material, a ascensão é a hypothese feliz, o symbolo é a representação do abstracto,

mas que symbolisa essa figura que é um patrimonio da cidade ?

Era esse o homem que hoje glorificamos como o éponymo de uma epoca ? não—ahi está apenas a representação da substancia transitoria : o pó. Porque não relampejam aquelles olhos onde ardeu, como na sarça montesina,o fogo do genio, dentro do qual Deus,que trata com os homens por intermedio dos vates,tantas vezes se manifestou na inspiração ? e aquelles labios,duramente cerrados, porque já não instillam o mel suavissimo dos periodos ? e aquella fronte porque se conserva impassivel ? aquella mão, escrava fiel do pensamento, porque não se move ? é tudo bronze, rigido metal... e o bronze eterno, e o bronze volta a terra... *pulvis est*.

Vêde a Grecia que agora se debate reunindo os restos do seu heroismo para oppôr á ferocidade musulmana. Já não ha um templo nas suas cidades, já não ha deuses; as estatuas cahiram e são pó... *etium periere ruinæ*... as mesmas ruinas pereceram.

Nessa nuvem densa que se levanta nos campos desolados da Thessalia sob as patas dos ginetes tártaros, quantos atomos de magnificencia! Num bruto tartez ha os restos de um pedestal divino, mas quem pára diante da ruinaria ? o archeologo, esse mesmo para reconstruir pacientemente com palavras o lavor do cinzel que o barbarismo destruiu. A Grecia é um estupendo sepulcho, mas vêde como em todo o mundo se levanta um voluntariado heroico e quem chama ás armas o Universo em favor da Hellenia ? quem prégа a nova cruzada ? a Arte é Homero, é Eschylo, é Sophocles, é Anachreonte, é Phidias, é Zeuxis, é Apollo, enfim ; o sempiterno Apollo—*Ecce pulvis* ! repito : esse é o pó, somente o pó. Deus é a imagem do templo, que tanto póde ser destruido pela agua como pelo fogo,pelo gladio como pelo martello ? não ! Deus é a primavera em flor, é o outomno em fructo, é o estio d'oiro, e o inverno branco. Deus é o azul e o verde ; o céo e a terra ; Deus é o sol e a constellação ; é a Via Lactea e é o Iris, é o fogo e é a agua, é a bonança e é a tormenta. Deus é o ambiente ; a Morte e a Vida. No ha-

lito communga-se, communga-se no fructo, na agua que nos desaltéra, na chamma que nos aquece, no canto d'ave que nos commove, no choro da criança, no suspiro do ancião ;a hostia é um symbolo,a imagem é lenha, o altar é pedra... *pulvis*... Para gloria de Deus basta um lyrio e é pequena uma cathedral.

Esse bronze é apenas um symbolo, veio de um *atelier*, é um trabalho de um homem e porque o exigiram ? porque vem elle occupar um logar na praça, tomando o caminho aos vivos ? exigencia do Culto.

O estrangeiro que por aqui passar, vendo essa figura, deterá os passos e perguntará quem foi e logo saberá pelos naturaes, que esse emblema é o de um ancestra, e no que relembram aquellas lendas, como esse escaravelho que os egypcios faziam acompanhar a mumia symbolisando a alma immortal encontrará a obra eterna, o imperecivel thesouro do grande e dulcissimo poeta. *Pulvis est*... nada mais. Essa obra, entanto, póde resistir, sendo pó, porque ha nella a scentelha artistica, resistindo, porém, fará mais bello seu autor do que pelo seu modelo, visto que rememora apenas o que passa, o ephemero, o contingente, o dispersivo: *pulvis*. Mas vamos ao caminho que ella nos aponta—o vulto é um hierophanta : vai iniciar-nos.

O Guarany...ecce homo ! Eis a patria na sua infancia, núa e innocente ; a vida selvagem nas locas, á beira dos rios claros : a tribu com a sua poracé e, irrompendo como no Paraiso, á sombra grande da brenha virgem, o amor das almas, a conjugação dos dous espiritos ; o do indio Pery,o mundo selvagem,com o de Cecy,a Dôr a Civilisação e, como confidentes desse amor, o arvoredo que sussurra, a catadupa que escachôa, o arroio que murmura, o jaguar que frême, a ave que papeia, a fiôr que trescala, a nuvem que empanna, o sol que aclara, a estrella que brilha—longe o Catariso do Aymoré, perto o cicio da conspiração—eis a vida inicial da Patria. Quem se move nesse poema que é, ao mesmo tempo, um idyllio e uma epopéa barbara ? o indio, o aventureiro,e essa figura casta

que atravessa o livro levemente como uma doce visão—Cecy.

Como apotheose as duas creaturas fugindo á fiôr das aguas tendo por barco de salvação a verde palmeira que as leva, balouçante, para o infinito dos mares onde desapparecem atterradas... ? não, beijando-se que o amor não lhes dá tempo a verem a morte de modo que a entrada dessas duas creaturas no Paraizo não foi uma surpreza mas uma continuação da ventura porque passaram pela morte sem sentir tão elevadas iam. Vêde a poesia da amiga *Iracema* «o mais brasileiro dos nossos livros, esse poema barbaro que trascala o aroma genesico das pastoraes» como disse Alencar Araripe—é por assim dizer a glorificação do berço do poeta.

« Verdes mares bravios da minha terra natal onda canta a jandaia nas frondas da carnauba. » E' a terra cearense que tem como sentinella no limiar esse roleiro mar todo verde, com a sua renda branca de espumas e na praia, em fila, como em um templo hypostolo, as palmeiras viçosas—lá no mais intimo vivia a india, no ádyto da selva, como a Alena suave do arenoso e cálido Ceará ; *Ubirajara*, a nobreza indigena : *As minas de prata*, a vida aventureira e auri-sedenta dos primeiros tempos e os perfis femininos de *Luciola*, *Diva*, *Senhora*... mas não devo citar mais; não quero fazer ao povo a injustiça de julgar que haja um brasileiro, que sabendo ler, desconheça as obras do seu grande poeta, que mesmo atravessando o campo da politica, levava em punho a sua lyra sonora. O meu intuito é levantar o *Ave !* da apotheose e aqui o faço mostrando ao povo o seu mais genuino bardo.

A's mãis, que são as vestáes sagradas que velam pelo lume que ha de aclarar o Futuro :—as crianças, mostro-o particularmente para que façam vir, de quando em quando, os pequenitos a este logar santo onde se acha um dos nossos *lares praestites*.

Pulvis est ! disse eu ao começar, vejo, porém, que ha mais que poeira—ha nesse bronze,que o céo illumina, alguma cousa mais que a scentelha do genio do estatuario,

ha como uma vida propria. O metal anima-se e, como esse Memnon, filho da Aurora, feito em estatua immota que á fulguração dos raios maternaes desferira, no dizer de Strapo, sons que pareciam de afinadissimas lyras, este bronze, tambem, á luz magnifica da manhã vindoura, ha de resoar abundantemente os grandes hymnos da Patria primitiva.

Ecce homo!

Afortunadamente, na hora augusta da apotheose, temos comnosco os nossos irmãos do Chile. Elles que levem á sua Nação andina a nova do que virão, que deve ser sympathico aos de além porque a festa que celebramos não é apenas a glorificação de um brasileiro illustre, mas significativa é de maior alcance a solemnidade porque é a Exaltação do Espirito Americano.

E agora, vós todos, hoje e por sempre

Onorate l'altissimo poeta!

Representante do Ceará, pronunciou o Sr. Antonio Salles o seguinte discurso:

Minhas senhoras, meus senhores—A sorte reservou-me a dita extraordinaria de representar o Ceará no dia em que a patria condensa em bronze a sua admiração por José de Alencar.

Com o correr dos annos, desaggregou-se a escoria dos docstos, virou cinza vã a lama da maledicencia, e a figura do mestre ora se eleva aqui immacula e grandiosa, erguendo-se na praça publica como o vulto de um santo perante o qual todos os joelhos se dobram na mesma curvatura de veneração.

Vivo, talvez que só ao parlamentar e ao conselheiro de estado se descobrisse a multidão; morto, é ao homem de lettras e só a elle que a multidão consagra neste momento.

Disse-se algures exageradamente que só a Arte immortalisa; não—tambem a sciencia, o patriotismo, a philantropia e o proprio amor eternisam a memoria dos homens; mas a inmortalidade que vem da Arte é a mais pura, a mais legitima, a mais invejavel.

Este que aqui vêdes traçou com sua penna athletica o sulco profundissimo em que assentou os fundamentos da Arte de escrever no Brazil.

Elle veio da terra dos sóes flamejantes e dos mares indomitos trazendo no cerebro portentoso o cosmos de um mundo de que seria o verbo potente e fecundo.

Sobre um chão aspero e invio elle ergueu sua tenda mysteriosa, contra a qual não raro os traseuntes atiravam pedras e vociferavam condemnações, e lá dentro, o grande artifice, ora manejando o cinzel de Miguel Angelo, ora o buril de Bemvenuto Cellini, entregava-se á elaboração de suas creações immortaes.

Entrementes, para entreter a curiosidade das gentes, com dous traços de cinzel sobre um punhado de gesso, elle produzia um bibelot, um folhetim, um romancete encantador, ou a caricatura de um escriptor, que lhe aprazia estygmatisar.

Mas, um dia, perante a multidão assombrada, elle exhibiu o *Guarany*.

A musa do idylio e a musa da tragedia haviam presidido á feitura da obra sublime.

Ah! todos sentirão bem que este amado Brazil com toda luz do seu sol, com todo o esplendor selvatico das suas florestas, com toda a magestade dos seus rios colossaes, com a fragancia das suas flores, com o vosear ineffavel dos seus passaros, com o rugido das suas féras, com a ternura e a abnegação de seus filhos estavão concretisados nas figuras e nas paisagens do *Guarany*.

O que os Lusiadas é para Portugal, o que o Fausto é para a Alemanha, o que a Legenda dos seculos é para a França—é para nós o Guarany—um livro singular e inegualavel, que retrata a naturesa do nosso paiz desde as estrellas que tremeluzem nos seus céos até os vermes que pululão no seu sólo.

Pery é a personificação da primitiva raça brasileira como Alencar a sonhara,—é o caboclo destemido, abnegado e amoroso, subjugando feras e deixando-se subjugar pela branca mão fragilissima de uma mulher, d'essa suavissima Cecy—um dos typos femininos mais

genialmente creados por todos os grandes modeladores de seres de ficção—emula de Chloé, de Ophelia, de Graziella, de Virginia e de Margarida.

Depois, quiz Alencar symbolisar a sua terra natal em um typo immortal, em cuja alma palpitasse a infinda poesia d'aquelles céos sempre azues, d'aquelles verdes mares pravios, d'aquellas areias brancas ensombradas de coqueiros -e creou Iracema—a virgem dos labios de mel, que tinha a trança negra como a aza da graúna e a bocca cheirosa como a fava do jaty.

A sua inspiração e a sua nostalgia fundiram-se no typo da formosa cabocla, cujo seio inflammou-se de amor pelo guerreiro branco.

Ah! Iracema vive, meus senhores! Vós todos a tendes estampada na imaginação, como se realmente a houvesseis conhecido, como se a houvesseis acompanhado atravéz da floresta, como se a houvesseis visto mergulhar na limpida turqueza das aguas de Porangaba, como se a houvesseis contemplado nos clarões finos e melancholicos do pôr do sol, de pé sobre a praia alvacenta onde se vinham desdobrar gementes as grandes ondas de esmeralda, por onde passam celeres as jangadinhas brancas... Aos nossos ouvidos parece que já soou positivamente o grito agudo e lamentoso da jandaia, repetindo ás virações marinhas o nome de Iracema.

Iracema! Como este nome nos falla tão docemente de faces morenas como as rolas bravas, de labios vermelhos como a fructa das cardas, de cabelleiras negras como a plumagem dos corvos, de olhos pretos e rutilos como céos ermos de lua e recamados de estrellas.

Guarany e *Iracema* são as duas culminancias da obra do mestre, são as duas columnas sobre as quaes assenta mais solidamente a sua gloria.

Bastava ter talento para escrever o resto das suas obras; para produzir *Guarany* e *Iracema* era preciso ter genio, era preciso possuir uma alma illuminada pela mesma chamma que illuminou as de Dante, de Gœthe e Shakespeare.

Só no genio é dado proliferar em creações que ficam

vivendo no pensamento humano como astros que não se extinguirão jámais : só ao genio é dado povoar o mundo de ficção de seres que synthetisam uma porção da alma da humanidade.

Ha vinte annos que elle se sumiu no golpho extremo da morte, e desde então que seu nome cresce anno por anno, dia por dia ; como as eminencias, elle nos vai parecendo maior á proporção que nos affastamos d'elle, porque nossos olhos vão pouco a pouco abrangendo a altura a que attingia seu genio e que já nos parece vertiginosa.

Uma aguia não desdenharia alar-se á flecha d'esse monumento, e uma nuvem gostaria de cingil-a em sua chlamyde irisada.

Meus senhores, exultemos ! O povo que honra a intelligencia humana elevando uma estatua a um dos seus filhos cuja mão só soube brandir uma penna, só viveu para o ideal—é um povo para o qual reserva o futuro as mais altas e formosas esperanças de gloria !

Este bronze é um bem inestimavel que se faz á intellectualidade nacional ; elle servirá de exemplo a futuros escriptores, não desconsolam e triste como a que apontava Camões, mas estimulando, encorajando aquelles que se votam ao culto das lettras em nosso paiz, culto que já foi um martyrio inutil, incompensado.

Começa felizmente a época das reivindicações.

O Brazil inteiro se congrega hoje aqui á memoria do mestre, todas as estrellas do nosso pavilhão projectão a mesma luz glorificadora sobre a sua effigie.

Uma d'ellas, porém, a envolve mais cariciosamente, com maior emoção e maior amor, é o Ceará, é a terra natal de Alencar, aquella que lhe ouviu os primeiros vagidos, que lhe espreitou os primeiros sorrisos, que lhe embalou os primeiros sonhos.

E é em nome do Ceará que me apresento diante de vós, e venho trazer esta corôa ao monumento, que eternisa em um bronze de Bernardelli a memoria do mestre incomparavel.

Seguiu-se com a palavra o Sr. Olavo Bilac :

Senhores. — Quando Pericles (talvez o filho maior

d'essa Grecia querida, cujo nome é tão doce lembrar, mesmo n'esta hora tristissima em que a alma latina vê a Terra Santa da Arte profanada pelo povo barbaro do grande assassino), quiz dar a Athenas a gloria immorredora de possuir o Acropolio, não hesitou em pedir ao povo, para a construcção d'essa obra formidavel, a somma de dous milhões de talentos. E como o partido aristocratico recuasse diante da responsabilidade d'essa enorme despeza, em que seriam tragadas todas as contribuições dos alliados e todas as riquezas do thesouro de Délos—Pericles declarou que sósinho se responsabilisaria pela construcção do Acropolio, mas que tambem elle teria a honra de ver o seu nome inscripto nos porticos de marmore. Então, todo o povo atheniense, com aquella febril ambição de gloria que o levou a dominar a terra pelo pensamento, depois de haver dominado pelas armas, rompeu a clamar--que não! que não! que todo elle queria ser venerado pela posteridade, quando ella beijasse chorando as ruinas d'aquellas estatuas, os blocos esboroados daquelles marmores, o cadaver daquella cidadella—templo, que ia surgir ao sopro creador de Phidias. Assim, a estatua collossal do Pallas-Athene, de ouro e marfim, symbolo da sabedoria divina, de pé, sobre a collina sagrada, affrontando o mundo, olhando a immensidade do mar com as suas pupillas de onix, e protegendo o povo grego com a sua egide sacrosanta, foi de facto uma creação de Pericles. E dessa creação de Pericles, dentro do santuario da deusa, aos seus pés, foi que, animada pelo culto extremado da arte, nasceu toda a civilisação do Occidente.

Não ha no Brazil, senhores, esse amor collectivo da arte. O mesmo facto de se erguer hoje na praça publica a estatua de um homem de lettras não prova que o Brazil comece a amar verdadeiramente aquelles que tentam fixar nas paginas de um livro, nas tintas de um quadro ou no marmore de uma estatua a grandeza da sua terra. Ha doze annos, lembrada pela imprensa de uma cidade mineira, surgiu esta idéa de honrar a memoria querida de José de Alencar; ao cabo de doze annos de lucta,

as subscripções populares não bastaram para pagar o trabalho do artista.

E' que, no rochedo que demora, na planicie do Cephiso, entre o Hymetto, o Lycabetto e o Hélicon—no rochedo de onde Pallas-Athene, com um simples golpe da sua lança, fez brotar a oliveira de folhagem pallida, a arvore bem-amada da Attica—nunca se teria feito pedra immortal o sonho de Phidias, se o artista não tivesse a sustentar o seu talento aquelle homem sereno, tão amigo da Paz, que poude dizer, na hora da morte: « Dizem que fui a obra prima da minha patria e do meu tempo; mas o unico elogio que de mim mesmo faço, é declarar que nunca, por minha culpa, um Atheniense trajou luto! »

Phidias não existiria sem Péricles...

—

Trabalhar, entre o silencio indifferente de uns e o odio de outros; trabalhar sem descanso, tendo como conforto unico a fe no proprio trabalho; trabalhar sem recompensa, apenas para cumprir um dever, sem esperança da popularidade, —é virtude que a poucas almas é dada.

Mas, ha no Brazil quem a possúa. Basta citar o nome de Rodolpho Bernadelli, o mestre, moço e querido, que perpetuou no bronze o cantor de *Iracema*. Emquanto cá fóra a vida politica tumultúa, na sua esteril agitação, o artista obscuro e modesto no recolhimento do seu *atelier*, vive fechado com o seu grande sonho immaculado, dando á gloria da pobre Arte Brazileira o melhor da sua vida, toda a energia do seu cerebro, toda a força de sua alma. Só, sem animação, vendo logo surgir em torno de qualquer projecto seu todo um mundo de difficuldades, trabalhando n'uma terra em que—ser artista, se não chega a ser uma deshonra tambem não chega a ser uma honra, -Bernardelli deu a José de Alencar (mais conhecido ainda hoje como politico do que como romancista) a mais bella e mais duradoura das consagrações: já agora é possivel que a profissão das lettras mereça mais respeito, uma vez que o povo está vendo que um homem

de lettras merece tambem a homenagem devida aos heróes e aos bemfeitores da patria.

E não seria justo que o nome do esculptor não fosse entregue ao applauso publico, ao lado do nome do escriptor glorificado.

Que este dia, (o primeiro dia em que o governo do meu paiz dá uma demonstração publica de que deseja honrar a arte e a litteratura do Brazil, vindo assistir a esta festa de homens de lettras) possa iniciar uma éra nova de florescimento intellectual! Mas, emquanto não chegam esses dias de ouro, emquanto um Pericles não vem, que saiba emprehender a campanha da nossa educação artistica, — depois de ter acclamado o nome de Alencar, acclamemos o nome de Bernardelli, pelo que elle representa de dedicação, de probidade e de talento! »

Eduardo Saboya, ao entregar á viuva do grande romancista um ramilhete de flores, disse:

« Minha senhora. — Os cearenses residentes n'esta Capital vos entregam este modesto ramilhete para significar o apreço em que vos têm, a vós que tivestes a extraordinaria felicidade de acompanhar o nosso grande patricio na sua brilhante jornada.

N'esta ultima viagem, que elle faz para a Gloria, o seu cortejo são nossas bençãos e a sua aureola o culto do nosso eterno amor como penhor d'esses sentimentos. Exma. senhora, recebei esta lembrança, que só vale pela expressão sincera de seu nobre ideal. »

Do Instituto Historico foi orador o Sr. Barão de Alencar, que disse:

« Em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, saúdo a estatua de José de Alencar.

A homenagem da illustre associação dil-o, a escolha da minha pessoa para orador da commissão encarregada de represental-a n'este acto, é profunda e sem restricções.

Com effeito, senhores, o Brazil sagra hoje a reputação do grande escriptor. Diante da apotheose do seu nome, diante d'este monumento levantado pela patria em honra sua, só cabe o applauso amplo e pleno pela glorificação de sua penna. Que panegyrico maior do que aquelle que

a consciencia nacional mandou escrever na linguagem lapidaria do estatuario? O que poderiam inspirar-me os sentimentos de irmão, que exprimisse mais do que significa esta estatua? Um povo só perpetúa no bronze a gloria dos seus grandes homens, a gloria dos homens immortaes.

Para o Chile, que assiste a esta manifestação, representada na pessoa dos officiaes de sua esquadra, o nome litterario de José de Alencar já é desde muito conhecido. Carlos Walker Martinez, um dos mais distinctos litteratos chilenos, commemora ha 29 annos a morte do grande romancista brazileiro. Na Bolivia, na Republica Argentina e no Perú, os seus livros circulam e são equivalente estimados. Não seria, pois, exagero affirmar que a fama litteraria do seu nome é tambem americana.

Uma tendencia natural predispõe os temperamentos nervosos a cultivar a imaginação; e a imaginação, senhores, é a *alma parens* da litteratura, a creadora dos homens de lettras.

José de Alencar foi um desses temperamentos. A sua imaginação era uma herança de sua mãi, como elle o disse no prologo de um dos seus dramas, do mesmo modo que no seio da mulher sem macula gerou-se a indole divina do redemptor da humanidade.

O outro traço saliente que o distinguia era o caracter, — uma vontade soberana e independente, que não obedecia senão a si propria e que fez d'elle a individualidade que foi, nas lettras e na politica; como a aguia, no seu alto vôo ia sempre só.

Essa, fôra a herança paterna:—a herança d'aquelle que lhe deu o nome e que a historia apresenta como um modelo de probidade civica e de inexcedivel patriotismo.

Devo recordar uma circumstancia. A idéa de levantar a estatua de José de Alencar surgiu e tomou corpo no tempo do imperio. Ella mereceu portanto a sanção da geração no meio da qual elle morreu e a que pertencia.

José de Alencar, senhores, não foi em vida membro do Instituto; mas póde-se dizer que lhe foi conferido o

seu diploma, no discurso necrologico do anno de seu fallecimento, pronunciado pelo illustrado orador, fiel interprete dos sentimentos, em sessão solemne, presidida pelo Sr. D. Pedro II, imperador então do Brazil.

Nessas rapidas palavras deixo consignada a representação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no acto solemne da inauguração da estatua de José de Alencar.

Esto perpetua.

—Finda a inauguração, voltaram ao hotel dos Estrangeiros o Sr. presidente da Republica e grande numero de cavalheiros e senhoras, sendo-lhes offerecido profuso *lunch*, fazendo o Sr. José do Patrocinio, ao servir-se o champagne, uma saudação ao Sr. presidente da Republica.

Pouco depois retiraram-se, com as formalidades com que foram recebidos, os Srs. presidente e vice-presidente da Republica.

A colonia cearense desta capital depositou na estatua uma bella corôa de louros e um ramo, e o Sr. José Verissimo um ramo pela *Revista Brasileira*.

(Da *Gazeta de Noticias* de 2 de Maio de 1897).